

"FÉLICITÉ": A BANALIDADE TRANSFORMADA EM ARTE PELA PENA DE FLAUBERT

Sonia Mara Ruiz Brown¹

RESUMO

Este trabalho apresenta uma das possíveis leituras do conto "Félicité" inserido no livro *Trois Contes* (publicado em 1877) do escritor Gustave Flaubert, expoente do Realismo francês. Ao longo deste estudo foram observados, sobretudo, os recursos lingüísticos e estilísticos utilizados na arte de narrar, a força de arte de seu autor que permitiu construir, sobre um enredo banal, uma obra grandiosa.

PALAVRAS CHAVE

Flaubert; Félicité; Conto; Trois Contes.

ABSTRACT

*This study represents one of the possible readings of the short story "Félicité" by Gustave Flaubert, a highlight of the French realism, inserted in the book *Trois Contes* (published in 1877). Thought this study there where observed, above all, the linguistic recourses and style utilized in the narrative art, an artistic strength that the author built from a common plot into a great production.*

KEY WORDS

Flaubert; Félicité; Short story; Trois Contes.

INTRODUÇÃO

"Je veux apitoyer. Faire pleurer les âmes sensibles en étant une moi-même."

Gustave Flaubert

¹ Bacharel, Especialista e Mestre em Língua Portuguesa (USP). Docente nos cursos de graduação da FAAT.

Félicité é a personagem protagonista do celebrado conto “Un coeur simple” de G. Flaubert, o primeiro do livro *Trois Contes*, publicado em 1877.

Segundo Samuel Tristan Júnior, a intenção de criá-la advém da juventude do autor, quando em carta escrita do Oriente, teria mencionado a idéia de escrever “a história de uma moça flamenga, virgem e mística, recolhida na província”², características essas já trabalhadas parcialmente na personagem Catherine Leroux, em *Madame Bovary*. Em Félicité foi cumprido esse desejo de seu criador, além do de fazer qualquer coisa de quase nada.

Félicité é a empregada doméstica de Madame Autain. É protagonista e ocupa lugar central na narração. É tratada com o destaque de personagem principal, lugar que não teria na vida cotidiana nem na tradição literária, pois, o mais das vezes, seria mais uma das personagens secundárias de um romance.

O conto é iniciado com uma frase que adianta todo o mais que está por vir: “*Pendant un demi-siècle, les bourgeois de pont-l’Éveque envièrent à Madame Aubais sa servante Félicité*”.

A partir daí, é narrada a vida dessa personagem pobre e sem instrução, que sacrifica sua própria vida à alheia sem ressentimentos, cujas horas são iguais umas às outras, passadas na cozinha e na arrumação da casa, e os anos também se escoam todos parecidos, apenas marcados pelo retorno das grandes festas religiosas. Nessa mesmice ocorrida durante meio século de servidão, assistimos à história se extinguindo através das perdas sucessivas de Félicité: o noivo brutal, os filhos da patroa, o sobrinho, um velho doente, a própria patroa e, finalmente, seu papagaio. O enredo é banal, mas a força da arte de Flaubert, como poderemos constatar, tornou-o grandioso.

² Flaubert. *Três contos*. Tradução de Milton Hatoum e Samuel Tristan Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p.9.

Capítulo I – A Revelação de Espaços

O conto é dividido em cinco partes. A primeira delas, iniciada pela frase lapidar já mencionada, é essencialmente descritiva (só há um parágrafo narrativo, o terceiro, em que nos é apresentado o passado da sra. Aubain em flash-back). São descritos os hábitos de Félicité, da sra. Aubain, a casa, a aparência de Félicité e suas idiossincrasias.

Em cada um dos elementos descritos são relacionados apenas os traços mais significativos, mas de tal modo dispostos e caracterizados que, ainda que mortos, palpitam, porque a eles são acrescidos cheiros, cores, luminosidade. Quando é descrito o salão da casa da sra. Aubain, por exemplo, são destacados alguns objetos (oito cadeiras de mogno, um velho piano, duas poltronas estofadas, a lareira, o relógio de pêndulo), mas a vida lhes é trazida através do comentário sensitivo: “-et tout l'appartement sentait un peu de moisi, car le plancher était plus bas que le jardin”.

Do ponto de vista físico, verifica-se o olhar que vai progressivamente, como uma câmara fotográfica, revelando espaços até se alcançar o espaço privilegiado e, em seguida, a personagem desse espaço.

A casa da sra Aubain é descrita primeiramente no seu exterior. Adentra-se na casa e nos é exibido o salão, depois, no primeiro andar, o quarto da Senhora, o quarto das crianças, o salão fechado, o gabinete de estudos, para finalmente chegar-se ao quarto de Félicité (“*Une lucarne, au second étage, éclairait la chambre de Félicité, ayant vue sur les prairies.*”). Mais um passo e alcança-se a própria Félicité que é descrita nos seus hábitos e sua aparência.

Embora Flaubert propugnasse uma focalização neutra, impessoal³, pode-se verificar a presença do narrador na apreciação expressa através do verbo *para*cer

³ Flaubert afirmou que “O artista não deve aparecer em uma obra mais que Deus na natureza... Um romancista não tem o direito de expressar sua opinião seja lá o que for.” Apud *Os imortais da literatura universal*. Vol. I. Abril Cultural, p. 139.

(verbo modal): “silencieuse, la taille droite et les gestes mesurés, semblait une femme en bois, fonctionnant d’une manière automatique”.

Capítulo II – Félicité: Sua História de Amor e de Coragem

O segundo capítulo do conto também é iniciado por uma frase lapidar: “*Elle avait eu, comme une autre, son histoire d’amour*”, que resume o conteúdo dos próximos parágrafos.

Como o narrador retorna no tempo para elucidar a infância e adolescência de Félicité, deixa de utilizar o tempo verbal que vinha empregando (pretérito imperfeito do indicativo) e passa a usar o pretérito mais-que-perfeito e o pretérito perfeito do indicativo. Ouvimos reminiscência do narrador, mas lembradas num momento preciso (“*Un soir du mois d’août (elle avait alors dix-huit ans)*”).

Através dessas reminiscências, como já fora enunciado, conhecemos a história de amor de Félicité, mas, mais do que isso, sua inocência e tolice, pois a personagem brutalmente tratada, ainda que temerosa (“*avait envie de s’enfuir*”), aceita a corte do rapaz de aparência abastada (“*homme d’apparence cossue*”) e, ao ouvi-lo, sua voz é mostrada através do discurso direto, revelando sua estupidez: “*Ah!*” Quando foi rudemente derrubada por Théodore à beira do campo de aveia, sua única reação e a mais animalésca foi gritar.

Como bem observou Vítor Manoel de Aguiar e Silva, “Flaubert dotado de uma inteligência e de uma lucidez crítica singulares, interessa-se avidamente, como romancista, por personagens medíocres e imbecis (Homais, Charles Bovary, Pécuchet)”⁴ E nós acrescentaríamos que, como contista, também mostrou esse mesmo interesse através da personagem Félicité.

Quando Félicité recebe a notícia de que Théodore havia se casado, também grita, geme e se atira no chão, ações própri-

⁴ AGUIAR e SILVA, Vítor Manuel. *Teoria da Literatura*. 3ª ed. Coimbra: Livraria Almedina, 1973, p. 235.

as tanto do homem como do animal em desespero e profunda dor, no entanto Félicité ainda clama pelo bom Deus (*"appelle le bon Dieu"*). Nesse momento, a religiosidade a distingue.

Para intensificar a idéia de que Félicité e Théodore não se confundem, pelo contrário, estão temporariamente juntos, mas com intenções muito distintas, Flaubert, relata-os insistentemente e através de períodos breves, até mesmo orações absolutas, em que o sujeito é ele e ela.

"Elle eut peur et se mit à crier. Is s'éloigna."

"Il l'aborda d'un air tranquille, disant tou pardonner, puisque c'était la faute de la boisson"

Elle ne fut que répondre et avait envier de s'enfuir."

"Il l'embrassa encore une fois. Elle disparut dans l'ombre."

"Alors il lui demanda si elle pensait au mariage. Elle reprit, en souvant, que c'était mal de se moquer."

A partir do décimo sexto parágrafo desse mesmo capítulo, é narrado o acesso de Félicité à casa da sra. Aubain. Um período curto (oração absoluta) novamente introduz as novas informações: *"Félicité, un quart d'heure, était installée chez elle."* A rapidez de sua mudança deixa implícita sua extrema pobreza e vulnerabilidade que já haviam sido enunciadas pelo comentário preciso: *"La jeune fille ne savait pas grand-chose, mais paraissait avoir tant de bonne volonté et si peu d'exigences..."*. O pretérito imperfeito volta a ser empregado, denotando, nesse trecho, sobretudo interatividade, já que são narrados hábitos da casa: *"Touts les jeudis..."*, *"Chaque lundi matin..."*, *"A des époques indeterminnés..."*

Ainda no mesmo capítulo, é narrado o episódio em que Félicité salva a família Aubain do ataque de um touro bravo na granja de Geffosses. A passagem é introduzida por uma breve descrição, figurando o espaço em que decorre a diegese e é seguida da ação propriamente dita, revelando mais uma característica da personagem protagonista: sua coragem física e moral. Félicité não apenas enfrenta o touro encarando-o e jogando-lhe tufos de grama nos olhos, mas também orienta a

atitude dos demais. Essa cena, exemplarmente narrada, revela inicialmente um ambiente tranqüilo expresso notadamente pela belíssima comparação: "*et un brouillard flottait comme une écharpe sur les sinuosités de la Toucques.*" e pela presença preponderante de orações coordenadas. A partir do momento em que se ouve o touro, expresso através de orações curtas e incisivas ("*C'était un taureau que cachait le brouillard. Il avançava vers les deux femmes. Mme Aubais allait courir.*"), a tensão se instala. A comparação novamente é explorada para revelar a agitação do novo momento: "*ses sabots, comme des marteaux, battait l'herbe de la prairie.*". Os períodos tornam-se mais longos e entrecortados por orações subordinadas adjetivas ("*qu'elle lui jettait dans les yeux*", "*que cachait le brouillard*", "*qui se rapprochait*", "*qui l'aveuglaient qu'elle criait.*"), inserindo um novo ritmo ao texto.

A narração subsequente refere-se à ida da família a Trouville, na busca da melhoria de saúde da menina Virginie. Félicité não é destacada, está integrada à família ("*Mme Aibain, assise, travaillait à son ouvrage de couture; Virginie près d'elle tressait des joncs; Félicité sarçait des fleurs de lavande; Paul, qui s'ennuyait, voulait partir.*"). Os trechos descritivos, no entanto, multiplicam-se constituindo uma pausa na sintagmática narrativa. São descritos a granja, o caminho para Hennequeville, a praia, a cidade num dia caloroso, a volta dos barcos.

É sabido que a descrição, nos escritores realistas, apresenta elemento de ordem simbólica e causal extremamente importantes para explicar personagens e suas ações. Nas descrições referenciadas acima, não obstante, não encontramos essa finalidade, e sim a de exornar o texto, além, é claro, de enraizar no real, tornar verossímil a diegese. Flaubert, como um pintor impressionista, apresenta-nos, através de pequenas pinceladas com cores puras e dissociadas, os elementos da realidade. Cabe a nós, leitores, combinarmos as várias cores, os vários elementos e visualizarmos a cena descrita:

"L'éblouissante clarté du dehors plaquait des barres de lumière entre les lames de jalousies. Aucun bruit dans le village. En bas, sur les trottoir, personne. Ce silence épandu

augmentait la tranquillité des choses. Au loin, les marteaux des calfats tamponnaient des carènes., et une brise lourde apportait le senteur du goudron."

Da descrição do retorno dos barcos à praia, surgem a irmã de Félicité e seus filhos e, dentre eles, um dos grandes amores da personagem protagonista, o sobrinho Victor.

Capítulo III – As Perdas de Félicité

No terceiro capítulo, Félicité volta a ter o destaque de personagem principal. Nele são narrados suas perdas sucessivas: a saída de Virginie para o colégio Ursulinas de Honfleur, a viagem e conseqüente morte do sobrinho, a morte de Virginie, a morte do pai Colmiche, um velho doentio adotado por ela, a fuga e depois morte do papagaio, a morte da sra. Aubain, o declínio de sua saúde, restando-lhe somente a fé. O aprendizado dessa fé, nos primeiros parágrafos do capítulo nos é revelada.

Félicité acompanhava diariamente Virginie ao catecismo e, atenta, sentiu, mais do aprendeu, a fé cristã, emocionando-se até o choro diante das narrativas bíblicas, identificando-se com os elementos presentes nas narrativas ("*Les semailles, les moissons, les pressoirs, toutes ces choses familières dont parle l'Évangile se trouvaient dans sa vie;*") e "outrando-se" na menina Virginie ("*avec l'imagination que donnent les vraies tendresses, il lui sembla qu'elle était elle-même cette enfant: sa figure devenait la sienne, as robe l'habillat, son coeur lui battait dans la poitrine; au moment d'ouvrir la bouche, em fermant les paupières, elle manqua s'évanouir.*") É nesse ambiente emocional de deslumbramento da fé (porque racionalmente era incapaz de compreender os dogmas ("*Quand aux dogmes, elle n'y comprenait rien ne tacha même pas de comprendre.*") além do que, na sua ignorância, precisava das formas ao Espírito Santo ("*Elle avait peine à imaginer sa personne: car il n'était pas seulement oiseaux, mais encore feu, et d'autres fois un souffle.*") . Nessa mesma passagem, pela primeira vez no conto, é empregado o discurso indireto livre ("*Pourquoi l'avaient-ils crucifié, lui qui chérissait les enfants, mourissaient les foules,*

guérissait les aveugles, et avait voulu, par douceur, naître au milieu des pauvres sur le fumier d'une étable?")⁵.

A seqüência de perdas é iniciada. Virginie vai para o colégio e Félicité entedia-se. Aproxima-se, então, o sobrinho que passa a tratá-la com carinho e presentes, mas também se ausenta para viajar no mar. Félicité quer despedir-se dele e se perde no cais. Victor e Virginie morrem. Esse segmento narrativo é intercalado por pequenas descrições que revelam a interação do ambiente físico e o homem, pois aquele é descrito em termos de percepção humana variável, conforme as personagens e seus estados. Quando Félicité vai lavar roupa, após a notícia da morte de seu sobrinho, por exemplo, todos os elementos descritos revelam sua dor.

"Sa planche et son tanneau étaient au bord de la Toucques. Elle jeta sur la berge un tas de chemises, retroussa ses marches, prit son battoir, et les coups forts qu'elle donnait s'étendaient dans les autres jardins à côté. Les prairies étaient vides, le vent agitait la rivière ; au fond, de grandes herbes s'y penchaient, comme des chevelures de cadavres flottant dans l'eau."

Esse recurso permite-nos ver pessoas e coisas através de uma relação perfeita entre palavra e imagem, isto é, um grau máximo de economia, resultando num grau máximo de sentimento.

A presença do discurso indireto livre é constante, revelando reflexões e sentimentos da personagem.

Várias das características de Félicité já reveladas são figurativizadas de novas maneiras. Sua religiosidade e fé são manifestadas através das orações a favor de Victor por ocasião de sua viagem e de Virginie quando morreu; sua coragem novamente é assinalada por ocasião da "toilette" fúnebre de Virginie; sua bondade e servidão sem nenhuma revolta, quando a sra Aubain despreza as saudades que sentia do

⁵ De acordo com Othon M. Garcia, o discurso indireto livre foi generalizado exatamente pela influência de Flaubert e Zola. In: GARCIA, Othon M.. *Comunicação em prosa moderna*. 2ª ed.. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1973.

sobrinho; sua estupidez e inocência são demarcadas ao ser ensinada pelo sr. Bourais e ao questioná-lo com absoluta ignorância; sua capacidade de "outrar-se" é repetida na ausência do sobrinho, ao sentir as necessidades e temores dele; sua capacidade de trabalho e sua resistência à infelicidade figurativizada, quando profundamente magoada pela perda de Victor, vai lavar roupa; sua dedicação extremada, ao velar o corpo da menina morta por dois dias sem abandoná-la e ao visitar seu túmulo diariamente.

Proust, num ensaio sobre o estilo de Flaubert, comenta que uma de suas grandes virtudes é saber transmitir a impressão de tempo⁶ o que pode ser atestado através do parágrafo abaixo, em que ficam delimitados não só o passar do tempo, mas também, a insipidez do seu passar:

"Puis des années s'écoulèrent. Toutes pareilles, et sans autres épisodes que le retour des grandes Fêtes, Pâques, l'Assomption, la Toussaint. Des événements intérieurs faisaient une date, où l'on se reportait. Ainsi, en 1825 deux vitriers badigeonnèrent le vestibule ; en 1827, une portion du toit, tombant dans la cour, faillit tuer un homme. L'été de 1828, ce fut à Madame d'offrir le pain bénit; Bourais vers cette époque, s'absenta mystérieusement, et les anciennes connaissances peu à peu s'en allèrent. Guyot, Liébard, Mme. Lechaptois, Robelin, l'oncle Gremenville, paralysé depuis longtemps."

Nessa monotonia dos anos, Félicité e sra. Aubain sozinhas na casa e no seu sofrimento, aproximam-se. O período que nos revela essa aproximação é exemplar. Nele não há jogos de palavras, nem sofisticação, mas a concisão e o requinte da expressão que "consegue dizer tudo , mesmo aquilo que não se diz"⁷: *"enfin la maîtresse ouvrit ses bras, la servante s'y jeta, et elles s'étreignirent, satisfaisant leur douleur dans un baiser qui les égalisait."*

⁶ PROUST, Marel. "À ajouter à Flaubert", in *Contre Sainte-Beuve*. Paris: Clarac, Gallimard, 1971, p. 300.

⁷ Apud CRESSOT, Marcel. *O estilo e suas técnicas*. Lisboa: Edições 70, 1947, p. 323.

Capítulo IV – Félicité e Loulou

O capítulo seguinte, o IV, é construído, sobretudo, sobre o relacionamento de Félicité e o papagaio recebido como presente da baronesa Larsonnière.

Novamente privilegiando o ver, nos é apresentado Loulou com todas as suas cores (*"Son corps était vert, le bout de ses ailes rose, son front bleu et sa gorge dorée"*) e seus hábitos (*"manie de mordre son bâton", "recherchait la compagnie"...*). Ele adoce e depois some.

Félicité ainda que habituada à infelicidade, às perdas, reage com profundo pesar ao desaparecimento da ave que surpreendentemente reaparece do nada (*"les savates en lambeaux, la mort dans l'âme"*). É tal a intensidade de seus sentimentos que enfraquece fisicamente.

Seus diálogos com o papagaio nos enternecem. Através deles, relembra-se a pobre menina de 18 anos abandonada pelo noivo, o indivíduo que perde todos os seres aos quais transferiu sua necessidade de afeto e ainda é menosprezada pela patroa, pessoa fria, dura e altiva. Esse papagaio *"qui escalade ses doigts, mordille ses lèvres, se cramponne à son fichu et, comme pour la distraire, reproduit le tic-tac du tournebroche, l'appel aigu du vendeur de poissons, la scie du menuisier"* torna-se tudo para ela (*"Dans son isolement, Lolou était presque un fils, un amoureux"*). Os diálogos estabelecidos com Loulou revelam ainda o psitacismo da personagem principal que, além de dialogar, fala como o papagaio sem ter idéia do significado, repete frases de cor sem a intervenção da razão. Félicité, recolhida também na sua surdez, entrega-se ao devaneio nos carinhos da ave querida, resultando-lhe a vacuidade de sua linguagem.

Morre o pássaro, fato esse demarcado por uma data (*Un matin du terrible hiver de 1837,*) assim como fora a notícia da ida do sobrinho Victor para a marinha (*Un lundi, 14 juillet 1819 (elle n'oublia pas la date)*). Esses são os dois únicos fatos delimitados por datas (além da passagem já comentada em que a intenção do narrador era demonstrar a passagem do tem-

po sem novidades) e referem-se às duas perdas daquilo que era realmente seu, o sobrinho e o papagaio, não às perdas dos amores conquistados.

Morto o papagaio, decidiu-se empalhá-lo. Félicité sai à procura do empalhador, sr. Fellacher e, nessa busca, é atropelada por uma carruagem.

Novamente é possível comparar esse momento de procura à situação em que Félicité sai para despedir-se do sobrinho no porto. Em ambas, o mesmo desespero, a mesma dor diante do distanciamento dos únicos seres que lhe pertenciam realmente. Na busca de Victor, "*elle se crut de folle*"; na busca do empalhador de Loulou, "*une faiblesse l'arrêta*".

Félicité não tem vida contemplativa, nem sonhos, ela se encontra bem ancorada na vida diária de onde procede a sua bondade e mesmo santidade. Quando ferida, cansada, com o pássaro morto em suas mãos, pela primeira vez, rememora com tristeza sua vida de perdas: "*une faiblesse l'arrêta; et la misère de son enfance, la déception du premier amour, le départ de son neveu, la mort de Virginie, comme les flots d'une marée, revinrent à la fois, et, lui montant à la gorge, l'étouffaient.*"

Passados seis meses, o papagaio empalhado chega e é colocado no quarto de Félicité. A descrição desse quarto apresenta elementos de ordem causal e simbólica que explicam a personagem. Félicité tem necessidade de um objeto físico como depositário de suas afeições como uma criança. Quando os seres queridos vão-se, ela começa a venerar suas possessões, ela transfere seu amor aos objetos que foram deixados. Dessa maneira, é criado em seu quarto um altar, um lugar de culto ao qual é acrescido o papagaio empalhado.

O narrador se concentra sem cessar na personagem principal com evocações fortes e simples da realidade concreta. A impressão de simpatia é fortificada pela apresentação de outras personagens e de suas atitudes. A sra. Aubain, por exemplo, é cruel e egocêntrica, dominada somente uma vez pelas emoções, anos após a morte de sua filha, quando ela entra com Félicité no quarto da menina que ficara intacto, vê as vestimentas e cai nos seus braços. Félicité, não obstante, por

ocasião da morte da patroa, "*la pleura, comme on ne pleure pas les maîtres*". Paul, o filho da sra Aubain, e sua esposa, filha de um fiscal, agem com insensibilidade e ganância, enquanto Félicité está "*ivre de tristesse*". Os que são mais educados, como o pedante Bourais, são tratados com desprezo e zombaria, pois até o papagaio caçoava dele.

Capítulo V – Félicité: Agonia e Morte

No final do capítulo IV e V, Félicité adoece. Acometida de pneumonia, ela vai morrer. A originalidade da passagem está no fato de ser descrita a agonia de Félicité ao mesmo tempo em que a procissão de Corpus Christi ocorre do lado de fora. Somente uma vizinha, Simmone, a acompanha nos seus últimos instantes.

A chegada da procissão coincide com o começo da agonia de Félicité. A passagem é iniciada pela descrição do início dessa agonia, mas passa-se do estremeamento do corpo de Félicité à chegada da procissão apenas através do advérbio "*bientôt*". Essa chegada nos é apresentada em diversos tempos, como se Flaubert a quisesse dramatizada. Primeiramente é o auditivo, depois, o visual.

Todo um parágrafo é dedicado à descrição da procissão. Nele há uma insistência no plural e nas cores o que lhe conota um aspecto de alegria. Há também uma insistência na riqueza e profusão de elementos. Não mais se percebe, no entanto, a presença de Loulou que se torna uma cor entre as outras. Essa sobrecarga decorativa ressalta a miséria do quarto de Félicité, sua solidão, mas, por outro lado, dá um caráter solene aos seus últimos instantes, oferece-lhe uma cerimônia religiosa.

Simmone, que dominava o altar, deixa de ser citada. É ela que assegurava a visão da procissão. Ela observava e Flaubert descrevia.

Depois do barulho que corresponde à chegada da procissão, o silêncio se impõe ("*Il se fit un grand silence.*") e são destacadas a luminosidade ("*Le grand soleil d'or rayonnait*") e a gravidade do momento ("*le prêtre gravit lentement les mar-*

ches.”) A ironia do momento é estabelecida, pois, ainda que o clérigo se preocupe apenas com a cerimônia, que os religiosos ignorem a morte de Félicité, lhe é oferecida (por procuração) uma cerimônia fúnebre.

A agonia de Félicité é narrada com brevidade e precisão. As marcas de sua agonia ocorrem em três tempos: o estentor, os borbulhos de saliva e o estremecimento do corpo. A imagem do seu corpo em movimento contrasta com a lentidão dos movimentos da procissão.

É graças à simplicidade (“Un coeur simple”), que Félicité alcança o êxtase na morte, numa quietude pacificadora.

Conclusão

O que há de mais banal, menos interessante que a história de Félicité, que aos dezoito anos começa a trabalhar para uma burguesa de Pont’l’Evêque e que lá vive por cinquenta anos, incrustada na casa como se fosse um molusco na rocha! As horas de Félicité são sempre semelhantes, no cuidado da cozinha e da limpeza geral. Os anos decorrem sem novidades, a não ser a morte de Virginie, de seu sobrinho, Victor, a vinda e morte do papagaio e a morte de Mme. Aubain. Essas são todas as aventuras da vida da pobre Félicité. Flaubert parece querer provar que um artista hábil pode fazer qualquer coisa de quase nada. Sua habilidade consistiu no talento, o controle do estilo que foram vitais na criação dessa personagem.

Num estilo vigoroso, preciso, colorido, sonoro e harmonioso, calmo e veemente, criou Félicité, personagem que poderia entrar para o Panteão dos seres fictícios que receberam a vida da imaginação de seus criadores, romancistas e contistas, não por seus atos heróicos, inusitados, extraordinários, mas por sua vida abnegada, obscura, banal. O limo tornou-se mármore sob o cinzel do escultor.

BIBLIOGRAFIA

AGUIAR e SILVA, Vitor Manuel. *Teoria da Literatura*. 3ª ed. Coimbra: Livraria Almedina, 1973.

BARNES, Julian. *O Papagaio de Flaubert*. Trad. de Manuel Paulo Ferreira. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

CRESSOT, Marcel. *O estilo e suas técnicas*. Lisboa: Edições 70, 1947.

FLAUBERT, Gustave. *Les Trois Contes*. Paris: Gallimard, collection Folio, 2003.

_____. *Três Contos*. Trad. de Milton Hatoum e Samuel Titan Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

GARCIA, Othon Maria. *Comunicação em Prosa Moderna*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1973.

HOUSSAYE, Henry. *Journal des débats*, 21 juillet 1877.

Os Imortais da Literatura Universal- vol. 1. São Paulo: Abril Cultural, 1971.

PROUST, Marcel. "À ajouter à Flaubert", in *Contre Sainte-Beuve*. Paris: Clarac, Gallimard, 1971.